

O Assistente ao Emigrante



Órgão do Sindicato Nacional dos Empregados da Assistência aos Emigrantes em Navios Estrangeiros do Districto de Lisboa

Redacção e Administração

RUA FERNANDES TOMAZ, 20-1.º
TELEFONE 28605

DIRECTOR: Bernardino dos Santos
EDITOR: Cesário dos Santos Monteiro
Propriedade do S. N. E. A. E. N. E.

Composição e impressão:

CALÇADA DOS CAETANOS, 18
TELEFONE 21450

BARRA FORA... Palavras Claras BARRA FORA...

Dr. Pedro Teotónio
Pereira

Do ilustre ministro do Comércio e Indústria, Sr. Dr. Pedro Teotónio Pereira, recebeu o nosso presidente da direcção, a amável carta que transcrevemos, justificando a sua falta de comparecência à festa do III aniversário:

Ex.º Sr. Bernardino dos Santos
Digno Presidente da Direcção

«S. Ex.ª o ministro não tendo podido assistir à festa do 3.º aniversário desse Sindicato Nacional, encarrega-me de agradecer o convite que lhe foi dirigido bem como as affectuosas demonstrações de que foi alvo e mais uma vez exprime à sua direcção o seu apreço pelo zelo e dedicação com que tem trabalhado no decorrer dos três anos que são volvidos sobre a criação do seu Sindicato Nacional».

Moscovo

Com este título acaba de publicar o Sr. A. Vieira, um pequeno livro, onde ele, antigo funcionário do komitern, nos explica os horrores da Rússia e a falsidade da sua política.

Dos exemplares que nos foram oferecidos ainda restam alguns que estão à disposição dos associados, aos quais recomendamos a sua leitura.

Relatório de 1936

No nosso número de hoje publicamos na íntegra o Relatório e Contas do Sindicato, Caixa de Auxílio e Jornal, referentes ao ano de 1936.

É um longo e bem elaborado documento, cuja publicação se faz para que todos os associados possam examinar com atenção o trabalho da direcção durante o ano, e estudando-o estejam aptos a discuti-lo na próxima assembleia geral.

Uma visita

Deu-nos o prazer da sua visita, o Sr. Júlio Domingos Parente, genro do proprietário do nosso colega «Ecos de Belém», tendo nessa ocasião elogiosas palavras para com a nossa organização.

Os últimos atentados bombistas que se deram na capital, vieram provar bem claramente que os inimigos da ordem não estão adormecidos na sua acção nefasta e destruidora.

Pela organização e pela perfeita execução, não resta dúvida que os inspirou e talvez mesmo realizou um grupo de estrangeiros, daqueles que não contentes em destruir a terra que os viu nascer, vêm à casa dos vizinhos pretender estabelecer o pânico e a desorganização.

É certo que grandes foram os prejuizos materiais sofridos, mas o gesto covarde dos scelarados enviados de Moscovo, serviu para convencer os eternos «ponderados» que alguma coisa de mau se passava na sombra, e que *muita coisa de bom* se terá de fazer para nos acautelarmos e pormo-nos ártica contra tais manejos.

É precisamente o que se está fazendo.

Nós como trabalhadores honestos, como nacionalistas que sabemos avaliar a riqueza e o valor da nossa situação actual, não podemos ficar extáticos na presença de tão revoltantes atentados.

Não basta o nosso protesto.

Não bastam as palavras de repulsa que imediatamente nos saíram da alma.

Há que fazer qualquer coisa mais, e esse qualquer coisa mais, entende uma acção constante de propaganda e uma atitude de ataque contra os estrangeiros que pretendam implantar em Portugal o *paratzo* da Espanha e contra os maus portugueses que os secundam.

Os trabalhadores do Estado Novo Corporativo, os trabalhadores portugueses, não foram sequer envolvidos na mais pequena suspeita, porque todos sabem que o trabalhador português não se ilude já com os *cantos de sereia*.

Queremos trabalhar apenas, para que a nossa Pátria se eleve e para que o pão não falte em nossas casas, nem o trabalho nas nossas ocupações.

Queremos a Paz nos nossos lares e no nosso Portugal, mas queremos também que o Governo nos garanta este bem estar, adoptando severas medidas contra os que atentam contra a segurança da Pátria e dos nossos lares, soldo infaamante da Rússia bolchevista, ou da Espanha sangrenta.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

O Sr. Bexiga

O Sr. Bexiga é um indivíduo que tem feito umas viagens a bordo do vapor *Higland Chieftain*, por especial favor dos dirigentes da firma E. Pinto Basto. Não é sócio do Sindicato, não conhece a nossa organização, não sabe das vantagens que oferecemos nem dos defeitos que possuímos.

Apesar disto é um activo elemento de descrédito do Sindicato a bordo do navio onde embarca, tornando a vida difícil aos nossos associados sempre que pode, e bolsando sobre a nossa organização as mais disparatadas afirmações.

Além do mais, está tal Sr. Bexiga é um mau português, pois não se envergonha de intrigar e criar sobre os seus patrícios os ódios e a má vontade ao pessoal estrangeiro, muito especialmente dos mestres de hotel.

De há muito que vimos recebendo queixas sobre as atitudes deste cavalleiro.

Por esta vez, apenas desejamos que este *eco* lhe sirva de aviso.

Se insistir, então...

Imprensa sindical

Desde o seu primeiro número que enviamos o nosso jornal a todos os sindicatos nacionais, por um princípio de colaboração inter-sindical, e na esperança de que aqueles dos sindicatos que mantem órgãos de imprensa próprios, correspondessem a esta atitude, permutando.

Infelizmente, à parte algumas excepções muito honrosas e dignas, a maioria dos Sindicatos Nacionais não nos enviam o seu jornal, ou se no-lo enviam, nós não os recebemos.

Ocorre-nos perguntar: Porquê este feio isolamento mutuo a que se votam os sindicatos nacionais?

Não seria mais útil, mais interessante, concorrermos todos para um estreitamento de relações, mas um estreitamento sincero e efectivo, fortalecendo-nos e engrandecendo-nos até formarmos um bloco rígido, para bem da Organização Corporativa e melhoria da nossa força como elemento económico?

Uma vez mais...

Por mais que se escreva, por mais que se faça preleções do que deve ser a moral e disciplina usada, não só dentro das funções oficiais que nos leva a bordo, como dentro da séde do próprio Sindicato, não vejo forma de terminar com os espíritos irrequietos e alguns por vezes de carácter perturbador.

Esses espíritos doentios tem que traçar na sua vida uma outra orientação para o bom nome da classe,

Embora o número desses elementos seja muito reduzido felizmente para nós, procuram sempre com o seu espírito intriguista levantar a discórdia no seio de camaradas dignos e que merecem justa consideração e respeito, levando a um campo de descrição inútil e por vezes prejudicial para eles, a péssima impressão de que não merecem de nós e do elemento oficial um bom conceito.

Felizmente como digo, são poucos esses elementos que não querem acatar a revolução moral que empreendemos no seio da classe, mas se esses fizessem o espelho da verdade e da razão, tinham ocasião de observar que a razão está por nosso lado. É a verdade é que alguns desses elementos já vão sentindo as consequências dos efeitos do seu modo de proceder.

A indescrição e a intriga mesquinha não é muito própria de homens que vivendo duma missão oficialmente Humanitária só devem sentir orgulho e dignidade que essa mesma missão seja de facto uma realidade cheia de maior grandeza e valor moral para o alevantamento da classe.

A intriga leva-nos à discórdia e vem colocar-nos num conceito inferior áquele que merecemos. Desejo neste artigo chamar atenção dos poucos que na vida não julgám que a nossa missão não é digna e Humana.

O alto conceito que o Sindicato tem merecido perante o elemento oficial tem sido alcançado pelo esforço incançavel de Bernardino dos Santos e dos membros da direcção.

Não há portanto razão que esses poucos felizmente irrequietos e perturbadores usando um critério e vocabulário impróprio de homens tentam mesquinhar por meio da intriga pessoas, que tem com orgulhosa dignidade sabido manter e levar o bom nome da classe por vezes até ao sacrifício da ordem material.

A calma e lealdade são dois elementos valiosos e dum especial merecimento para se poder exercer qualquer missão que nos é incumbida.

Para bom nome da classe e para bem desses elementos deve ser usada por eles uma moral digna e uma rigorosa forma de

IMPORTANTE

Para conhecimento dos nossos associados, se transcreve o despacho de 3/2 do Sr. Tenente Castro e Silva, enviado por cópia à Direcção:

CÓPIA — Ex.^{mo} Sr. Médico Inspector — Atravéz de vários relatórios, informações e processos disciplinares, tenho reconhecido que funcionários da Assistência, em viagem, se ocupam frequentemente da lavagem da roupa de emigrantes e outros passageiros, com prejuizo dos trabalhos a seu cargo. Tem-se também verificado que, por tais serviços, algumas vezes são cobradas importâncias excessivas, ocasionando incidentes, protestos e apreciações desprimorosas para o pessoal. Para evitar tais abusos e suas consequências, determino que lhes fique proibido occuparem-se de lavagem, ou outro tratamento de roupas pessoais de emigrantes ou passageiros, salvo em casos especiais que o Sr. Médico da Assistência pode autorizar; mas ainda nestes casos, o preço será estabelecido e aceite antes do serviço efectuado. Rogo a V. Ex.^a se digne dar conhecimento do presente officio aos Srs. Médicos, bem como ao Sindicato, para o que poderá enviar-lhe, se assim o julgar conveniente, a cópia que junto. A Bem da Nação — Lisboa, 3 de Fevereiro de 1937 — O Director Adjunto — A. de Castro Silva. Está conforme — Lisboa, 3 de Fevereiro de 1937 — O Chefe de Secções dos Serviços de Emigração.

a) João Raio de Carvalho

Escala de Vapores

durante o mês de Fevereiro de 1937

PARA O SUL:

Dias	Vapores	Gais	
2	Hingland Monarch.	Alcantara .	Lisboa
3	Saturnia	Rocha . .	
4	Madrid	Alcantara .	Toca no Porto
5	Massilia	Rocha . .	
6	Lipari	Alcantara .	Toca no Porto
8	Arlanza	"	
10	Monte Olívia	"	
10	Hilary	"	Toca no Porto
16	Higland Chieftain .	"	Porto
17	Cap Norte	Rocha . .	
21	Asturias	Alcantara .	
23	Aurigni	Rocha . .	Toca no Porto
25	Espana	"	
27	Cap Arcona	Alcantara .	

Total: 14 vapores

PARA O NORTE:

Dias	Vapores	Gais	
2	Kerguelen	Gais da Rocha.	
5	Asturias	Alcantara .	
7	Higland Princess .	Rocha . .	
11	General Artigas . .	Alcantara .	
14	Anselm	Rocha . .	
15	Cap Arcona	Alcantara .	
15	Jamaique	Rocha . .	
19	Monte Rosa	Alcantara .	
21	Higland Brigade . .	"	
21	Vulcania	Rocha . .	
25	António Delfino . .	Alcantara .	
26	Alcantara	"	
28	Saturnia	Rocha . .	

Total: 13 vapores

disciplina como é usada por restante pessoal digno e no bom conceito de quem de direito, devem os mesmos terminar os ataques isolados e por vezes pú-

blicos, até no próprio Sindicato, atacando por tudo e por nada os que merecem a máxima consideração e respeito.

Artur José Pereira

Falecimentos

António Andrade

A morte impiedosa acaba de levar-nos um camarada dos mais antigos, estimado por todos, pelas suas qualidades de bondade e carácter.

O falecimento deu-se a bordo do vapor "Massilia" logo á saída do Rio de Janeiro, devido a uma congestão cerebral, que o prostou rapidamente, expirando nos braços dos colegas.

O cadáver chegou a Lisboa no passado dia 27, aguardando-o na gare marítima, a direcção e muitos camaradas, de ambos os sexos.

O corpo ficou depositado na Alfandega, devendo o funeral realizar-se por estes dias.

A família enlutada apresenta-mos os nossos mais sentidos pésames.

José Carlos Duarte

Mais um falecimento temos de anunciar e desta vez a de um camarada dos mais dedicados e antigos.

José Carlos Duarte tinha ficado internado no Hospital Inglês, de Buenos Aires, no passado dia 3 de Janeiro, quando seguia a bordo de Higland Chieftain.

No dia seguinte falecia vitimado por uma doença de coração, sendo enterrado no Cemitério Católico Romano de Chacarita.

No funeral incorporaram-se todos os associados que tinham ido naquele navio, encontrando-se representada a Companhia armadora.

A família enlutada apresenta-mos as nossas condolências.

A direcção em sua reunião última aprovou um voto de sentimento.

Tivemos a noticia do falecimento da extremosa mãe da nossa associada D. Ema da Conceição Pires Moreira, pelo que lhe apresentamos os nossos sentidos pésames.

Relatório e Contas da Direcção, Caixa de Auxílio e Jornal de 1936

Presados colegas:

De conformidade com os nossos Estatutos e Regulamento vimos submeter à vossa apreciação e discussão o Relatório e Contas da nossa Gerência, para que posses discuti-lo com toda a largueza, elogiando o que merecer elogio ou reprovando o que fôr de reprovar.

Toda a nossa acção durante o longo ano de gerência fica aqui resumida, e por este resumo podereis avaliar as dificuldades que encontramos, o que torna espinhoso e sacrificante o nosso cargo.

Sacrificando o nosso socêgo, o descanço merecido após trabalhosas viagens, para estar dirigindo o Sindicato, encontrando quasi diariamente uma má vontade, uma intriga e uma censura, é obra a que só se sujeitam aqueles que votam à classe e à organização grande amor.

É ser certo que um ou outro digno camarada nos auxiliou e alguns até nos estimularam com suas palavras sinceras, a maioria caprichou em tornar a nossa acção difícil e penosa, dando a entender que se mostram interessados em desiludir aqueles que ao Sindicato votam amor sem igual, para que eles ocupem os lugares, ou então para que a colectividade morra, à mingua de não ter quem por ela olhe com carinho e devoção.

Porém, na medida das nossas forças, fizemos tudo o que pudemos. Talvez num ou noutro ponto não tenhamos cumprido a contento de todos, mas ficamos a certeza de que todos reconhecerão as nossas boas intenções.

E se de entre vós algum há que tenha de nos censurar neste ou naquele ponto, que o faça no momento próprio e bem claramente à frente da classe reunida na Assembleia Geral, para que ali possamos responder-lhe bem publicamente.

Temos, em todas as emergências a consciência de termos cumprido o nosso dever sem erros que possam ter trazido ao sindicato ou à classe quaisquer prejuizos.

Isso nos basta.

Posto isto vamos apresentar-vos a história da nossa actuação durante o ano, dividida por assuntos, para mais facilmente se discutir e apreciar.

Para ela chamamos a vossa boa atenção.

Reinvidicações

Sobre este capítulo pouco temos que apresentar. As antigas reinvidicações da classe, tais como o regulamento de bordo, obrigação dos navios brasileiros levarem pessoal, etc., etc. não foram resolvidas na nossa gerência. Não foi porque não tivéssemos empregados todos os esforços nesse sentido, sempre que a oportunidade se nos apresentou para tanto.

A razão, porém, explica-se do seguinte modo.

Logo que tomámos conta da gerência debatia-se quer na classe quer nas esferas dirigentes o problema da reforma geral e total dos serviços.

Pretendia-se transformar a classe da sua autonomia em serviço público, en-

trando todos para o quadro do funcionalismo público.

Vários e importantes estudos se iniciaram nesse sentido, e deveis estar lembrados que já no Relatório da direcção anterior o caso tinha sido debatido.

Nos primeiros meses da nossa gerência trabalhamos para esse estudo, na intenção de apresentar um trabalho que facilitasse a reforma idealizada pelo nosso dirigente superior.

A breve trecho, porém, verificou-se a impossibilidade de se chegar à conclusão a princípio imaginada (transformação dos empregados da assistência em funcionários públicos) e houve de abandonar ou suspender os trabalhos já encetados.

Ficou então de pé a esperança de que se não era possível a transformação total prevista, era, no entanto, viável, fazer entrar para a Caixa Geral de Reformas dos funcionários públicos, os nossos associados, que assim ficariam com o seu futuro assegurado, mediante o pagamento das quotas respectivas, depois de feitas as entregas suficientes para actualização dos seus direitos.

Deixámos, então, o campo enganador das fantasias irrealizáveis, para nos embrenharmos pelo terreno seguro das coisas possíveis e compensadoras.

Para tanto fomos tomando as providências preparatórias, e uma delas foi não reformarmos o Regulamento da nossa Caixa de Auxílio, deixando capitalizar a maior soma possível, soma que mais tarde nos seria ou será precisa para realizarmos as actualizações de direitos dos sócios mais velhos, numa prevista entrada para a caixa de reformas dos funcionários públicos.

Infelizmente, o nosso director, Excelentíssimo Senhor Tenente Castro e Silva não dispôs do tempo suficiente para se dedicar exclusivamente à direcção dos serviços de assistência, pelo que, não pôde ainda ultimar o estudo que tem entre mãos, e nesta conformidade a nossa acção, neste particular, tem sido apenas a de ir recordando junto de S. Ex.^a a necessidade urgente do assunto se resolver.

Por este motivo não é possível à direcção ter com S. Ex.^a as conferências que seria interessante que tivesse, única forma de lhe ir transmitindo outros problemas que se tem levantado e que facilmente se resolveriam.

Este inconveniente não resolvemos nós, por mais esforços que tivéssemos empregado.

Enquanto esperavamos pela resolução desta reinvidicação fomos tentando obter a resolução de outras, quer junto das agências, quer junto da P. V. D. E.

O caso da emigração portuguesa em barcos brasileiros preocupou-nos novamente, e foi objecto duma exposição junto do Sr. Tenente Castro e Silva. No nosso jornal também o assunto foi ventilado com largueza. Obtivemos, porém, de S. Ex.^a a resposta de que o assunto estava a ser estudado, e que a sua resolução era profunda, pois traria complicações às chancelarias, pelo que nos foi aconselhado não abordar mais o assunto.

Pequenas vantagens

Conquanto não tivéssemos obtido resultados positivos naquelas reivindicações, a que podemos chamar as «grandes reinvidicações», algumas conseguimos junto das agências.

Aqui a nossa acção exercen-se com êxito completo.

Conseguimos demover as firmas alemãs a levar pessoal por fora do decreto, como cosinheiros, ajudantes de cozinha e até creados. Conseguimos que a firma E. Pinto Basto, nossos grandes amigos, matriculasse aqui mais pessoal por fora, para assim irmos des congestionando os quadros.

O auxílio para despesas de bagagens estendeu-se a quasi todas as firmas, que hoje o estão dando a todo o pessoal.

A nossa maior vitória foi, porém, termos conseguido da maioria das firmas, excepto da firma James Rawes & C., que o pessoal a matricular em Lisboa, mesmo fora do decreto, fôsse exclusivamente do Sindicato.

Para obtermos este exclusivo vantagem, tivemos-nos de nos comprometer a fornecer pessoal em condições, competente e disciplinado. Até agora nenhum deixou ficar mal a direcção, excepto os cosinheiros, alguns dos cosinheiros, que nem sempre correspondem a embarcar quando é necessário, alegando motivos de doença, de veracidade muito suspeitos.

Relações com as Entidades Officiais

Com todas as repartições e entidades com que tivemos de privar fomos sempre recebidos com a maior deferência.

Com o Instituto Nacional de Trabalho as nossas relações continuaram a ser amistosíssimas. Sempre que ali recorremos, quer pessoalmente quer por escrito, obtivemos sempre um acolhimento lisonjeiro, que aqui nos cumpre focar com desvanecimento.

Os Srs. Drs. António do Amaral Pirayte e Dr. Frederico Macedo dos Santos, continuaram sendo os nossos mais directos auxiliares, pelo que aqui os destacamos por um dever de lealdade e gratidão.

Já dissemos atrás que com o Ex.^{mo} Sr. Tenente Castro e Silva mantivemos boas relações, aparte o inconveniente da falta de tempo com que S. Ex.^a luta, não nos permitir trocar com ele impressões mais demoradas e frequentes.

Mas da parte do Ex.^{mo} Sr. João Rato de Carvalho e Dr. Afonso Malheiro, continuamos a receber cordeais provas de colaboração e auxílio, o que bastante concorre para a resolução de alguns assuntos e para a boa marcha dos serviços.

Com os Ex.^{mos} Médicos Inspectores, vamos começando a ter relações de boa amizade. S. Ex.^{as} compreenderam já as boas intenções que nos animam e quanto é de vantajosa a mútua colaboração que entre a direcção do Sindicato e eles possa existir.

Relações com o Sindicato do Norte

Actualmente as relações entre os dois Sindicatos são de maior amizade. Esta politica de colaboração é de grande

utilidade, pois tendo ambos os organismos tão estreitos pontos de contacto, seria anormal que as direcções não dessem o exemplo de uma confraternização leal.

Ultimamente a direcção do Sindicato do Norte solicitou os esforços da direcção de Lisboa, para um reajustamento de quadros, assunto que relatamos noutra parte deste relatório.

Aconselhamos todos os nossos associados a manter com os seus colegas do Norte, a mais leal e estreita camaradagem, pois somos todos officiaes do mesmo officio, trabalhando lado a lado, e impróprio de homens civilizados seria haver entre uns e outros ódios ou ressentimentos que seriam pueris.

Relações com os Sindicatos Nacionais

Com os Sindicatos Nacionais de Lisboa e do Continente temos mantido as mais cordeais relações colaborando estreitamente com eles em toda a acção, quer politica, quer social.

Em todas as festas e sessões de propagação nos temos feito representar, marcando de entre elles a nossa posição, que tem sido brilhante como tivemos occasião de apreciar recentemente na nossa festa do III aniversário, pelas palavras que ouvimos da boca de alguns dos seus dirigentes.

Órgão officioso

Uma das obras de que esta direcção mais se orgulha, foi por ventura a da fundação do seu órgão officioso, o jornal «O Assistente ao Emigrante».

Foi um passo gigantesco dado em frente, para o nosso progresso, para a nossa dignificação e engrandecimento.

O nosso jornal tem prestado ao Sindicato serviços brilhantíssimos cujos resultados, não são palpáveis, mas existem de tal forma que nos leva a afirmar que sem ele a nossa actuação seria mediocre.

Naquelle jornal tem a direcção abordado todos os problemas de interesse colectivo, fazendo chegar a sua voz a toda a parte e estabelecendo entre ela e os associados uma permanente troca de impressões, que muito tem contribuído para que o nosso trabalho seja apreciado e compreendido.

Não só para comunicarmos com os nossos associados, como também para levarmos junto das entidades officiaes e organizações sindicais o eco das nossas reclamações, o «Assistente ao Emigrante» tem servido.

Com a sua orientação firme, absolutamente integrada na orientação desta direcção, pelo que ao director e ao redactor são devidos louvores, o órgão officioso trouxe à classe energias novas ao Sindicato novo alento.

Adiante se lerá o relatório do seu director, suficientemente claro, com cujas conclusões esta direcção concorda em absoluto.

Movimento nas Escalas

O movimento das escalas do pessoal, melhorou em todos os quadros comparando-o com o do ano anterior. Mercê da maior affluencia de emigrantes e de

uma composição um pouco mais harmónica com as correntes emigratórias, os embarques do pessoal de enfermagem, quer enfermeiros quer ajudantes, melhoraram este ano, melhoria que se acentuou mais nos últimos mezes.

Quanto aos criados de ambos os sexos, as delícias da direcção para o embarque de pessoal por fora da lei, além das razões que concorreram acima, explica a melhoria verificada, mais profundamente, também, nos últimos mezes.

A média de estadia em terra deve ter sido de um mês a mês para todas as categorias, pois se fizeram 131 viagens a mais do que o ano anterior.

Se não é uma situação próspera — e não é porque não é permanente — ao menos é melhor que a anterior, o que já é alguma coisa.

Com a saída dos velhos e a manutenção da portaria que proíbe a entrada de mais pessoal, é natural que a média da estadia em terra baixe para o que é justo, e então teremos assegurada a nossa vida.

Embarques por fora do Decreto

Os embarques por fora do decreto, para satisfazer pedidos das agências foram conseguidos após porfiados esforços desta direcção. Se não fora essa obra, não teriam ganho dinheiro muitos dos nossos associados, e tinha-se corrido o risco de as agências contractarem pessoal estranho, que assim se infiltraria no serviço dos navios estrangeiros podendo mais tarde crear-nos dificuldades enormes.

A direcção entendeu ser prejudicial reservar apenas e exclusivamente para o serviço dentro da lei, o pessoal do Sindicato, isto porque seria isolar-nos a bordo.

A principio seguiu-se o critério de fornecer pessoal certo para cada barco, atendendo aos pedidos especiais para A ou B.

Se por um lado este pessoal em nada prejudicaria os colegas, porque não indo eles os navios não levavam outro, tinha a inconveniência de colocar uns em situação de trabalho permanente, enquanto outros, associados também, o tinham a grandes espaços de tempo.

Foi, pois, por necessidade de uma honesta distribuição de trabalho que se proibiu o embarque de pessoal certo sindicato, iniciando-se, uma acção tendente a que as agências não seguissem a divisa: ou Falano ou nenhum.

Isto se conseguiu, após porfiados esforços.

Começou depois a grande luta da direcção para fazer embarcar por fora da lei o pessoal requisitado, estabelecendo princípios de equidade e justiça.

Abriu-se uma inscrição e aprovaram-se em Assembleia Geral os termos provisórios em que esses embarques se effectuam.

É o que está ainda em vigor, mas dum forma um tanto irregular, pois os que apareceram a inscrever-se não chegavam para as necessidades, pelo que por vezes se recorre à boa vontade e necessidade de alguns associados.

Esta direcção pensou em certa altura tornar obrigatório o embarque por fora da lei, baseada no principio de que quem está na escala, é porque quer trabalhar, mas como isso lhe viria a acarretar mais trabalhos e dissabores, desistiu.

Os que nos sucederem, que resolvam melhor.

Pedido do Sindicato do Norte para transferências internas

O assunto já é do conhecimento dos associados; pois, foi largamente historiado no nosso jornal. Os camaradas do Norte, atravessando uma crise terrível, e vendo a nossa melhoria numa ocasião de excepcional abundância de trabalho, solicitaram a transferência provisória de alguns associados seus, enfermeiros, ajudantes e criados, aliviando assim a crise deles e equilibrando o nosso trabalho.

Razoavel e justa é a pretensão daqueles colegas, mas é necessário saber se a grande melhoria de situação que disfrutámos, isto é se a abundância do trabalho que tivemos, é duradoura. A nossa experiência diz-nos que não.

No entanto, a direcção prometeu levar o assunto à assembleia geral, e aqui está a dizer-vos que em principio concorda com o pedido, mas para ter realiação quando as condições nos mostrarem por um periodo de tempo suficiente que a abundância do trabalho nos meses de Novembro e Dezembro se mantem por muito tempo.

Fiel ainda à promessa feita à direcção do Sindicato do Norte, publicámos no jornal um artigo convidando os associados a dar a sua opinião e crêmos que muitos o já fizeram.

É assunto sobre que vos tereis de pronunciar, a-fim-de dar-mos resolução definitiva.

Cosinheiros

Deligenciou esta direcção por várias vezes e por diversas formas, que fosse estabelecido o quadro de cosinheiros e a obrigatoriedade do seu embarque. Por uma razão de grande vantagem para o emigrante era justo a obrigação de matrícula deste profissional. De resto, as agências quasi sempre os metem.

Além de artigos vários no nosso jornal, officámos, mais de uma vez, às entidades superiores.

Por último, numa conferência que a direcção teve com o Ex.^{mo} Sr. Tenente Castro e Silva, foi-lhe respondido que o caso da matrícula dos cosinheiros revestia especial importância, pois não era de boa politica estar insistindo junto das companhias pela matrícula obrigatória de mais pessoal, pois a situação de muitas é um tanto confusa, visto estarem ao abrigo de um tratado de comércio que lhes dá garantias, garantias essas que têm sido mantidas em suspenso.

Apesar disso a direcção diligenciou, e tem obtido êxito, matriculando pessoal de cosinha por fora, e como os do sindicato nem sempre chegam, ou nem sempre estão dispostos ao embarque, numa errada comprehensão da situação, temos recorrido aos cosinheiros nacionais, que felizmente têm cumprido.

Por uma natural defesa dos interesses do Sindicato, temos cobrado destes profissionais as cotas, tal como se fossem associados, riscando delas a palavra sócio.

Embora pareça estranho este procedimento, a direcção não teve dúvida em adoptá-lo, pois se é verdade que esses individuos não são sócios, é todavia o Sindicato que lhe facilita o trabalho, que se responsabilisa por eles e que faz as despesas necessárias.

Os presados associados, dirão, no entanto, se neste particular procedemos bem.

Afastamento dos velhos

É um dos problemas que mais tem preocupado esta direcção, problema a que se chama vulgarmente o «caso dos velhos». Em resumo, o caso explica-se assim:

Algumas companhias têm recusado alguns associados de avançada idade, alegando a sua inaptidão aos serviços. Superiormente, também essa inaptidão foi reconhecida. Pela nossa parte também concordamos que um homem de mais de 60 anos não póde dar o rendimento de trabalho equivalente ao ordenado que recebe.

Têm todos razão, como se vê, mas o certo é que é desumano pôr à margem esses associados, sem se lhes garantir ao menos o necessário para o seu sustento.

A direcção começou por tratar junto da Associação dos Armadores o caso, solicitando desta colectividade que intercedesse junto das agencias para que cada uma concorresse com uma importância a fixar. Depois foi o Sindicato que se dirigiu directamente às agencias, e uma a uma se recusaram, alegando embora todas a justiça do pedido.

Apelámos para o Director dos Serviços, apelámos para o Instituto Nacional Trabalho, e todas estas entidades diligenciaram resolver o assunto, que por fim caiu no olvido.

Os velhos continuaram embarcando, mas ultimamente as reclamações das companhias voltaram, e então o assunto voltou a ter actualidade.

Actualmente estava a direcção diligenciando junto da Associação dos Armadores, com o accordo e auxilio do Instituto Nacional do Trabalho e direcção dos Serviços, conseguir que as agencias estabeleçam uma cota de auxilio, cota que junta a uma contribuição dos associados, possa dar o necessário para estabelecer e reformar os associados com mais de 60 anos.

Destes ha dois que estão aguardando uma inspecção, a-fim-de se apurar a sua incapacidade para servir.

Uma coisa podemos garantir aos presados associados, é que esta direcção nunca consentiria no afastamento desses velhos, sem lhes ter garantido ao menos o suficiente para o seu sustento.

Reforma de Regulamento

Algumas diligencias fez a actual direcção, para que o actual Regulamento dos Serviços fosse transformado ou esclarecido, ao menos em simples ordens de serviço. Alguma coisa se conseguiu, mas a reforma desejada não foi obtida, pois superiormente nos foi dito que tudo seria esclarecido quando se publicasse o novo regulamento.

Conquanto não concordemos com esta deliberação, pois coisas há que podiam ser arrumadas, até por simples instruções aos médicos de bordo, tivemos de nos curvar.

Sócios

De uma forma geral com os associados nada se passou de anormal. Entrou um associado, para embarcar como cosinheiro, e faleceram três, durante este exercicio, os Srs.: Gracinda Fernandes, Elvira Dias Baptista e António Andrade. A-pesar-de em tempo devido ter sido lançada na nossa acta votos de

pesar pelo falecimento destes associados propomos que nesta Assembléa seja guardado um minuto de silencio em sua homenagem.

De penas disciplinares não quizemos usar durante a nossa gerencia, e se por esse caminho quizessemos enveredar muito teriamos a castigar, principalmente áqueles dos maus sócios e colegas que se entretêm a malquistar a direcção e os seus membros, com intrigas e calúnias infundadas.

Festa do III aniversário

Levámos a efeito em 27 de Dezembro a festa do III aniversário da nossa fundação. Como a anterior esta festa resultou numa jornada brilhante de propaganda, de um interesse e vantagem que é necessário salientar. Tudo decorreu normalmente. Das individualidades convidadas, o Sr. Dr. Rebelo de Andrade, dig.^{mo} Sub-Secretário de Estado das Corporações não ponde comparecer, mas fez-se representar pelo Ex.^{mo} Senhor Dr. Frederico Macedo dos Santos, Tivemos o prazer e grande honra do Sr. Dr. Amaral Pirayt ter feito na nossa sala uma conferencia particularmente brilhante.

Alguns oradores, representantes dos sindicatos nacionais de Lisboa tiveram para o Sindicato e para a classe elogiosas palavras, que muito nos desvanecem, pois nos mostraram o conceito em que somos tidos na organização corporativa do País.

Nessa altura se prestou homenagem ao Presidente da Direcção, nosso colega Bernardinho dos Santos, que por ser merecida esta direcção se associou, inaugurando-se o retrato daquele nosso bom colega na nossa sede.

Promoveu também a direcção a emissão, de um número especial de O Assistente ao Emigrante, que obteve um estrondoso êxito, quer pela colaboração com que se apresentou, quer pelo aspecto gráfico.

Emfim, por último deu-se aos associados presentes um lanche, que decorreu no maior entusiasmo, prolixo para confraternização muito útil.

Sede

Levou a efeito esta direcção alguns melhoramentos na sua sede, acendendo ás observações justas de sócios, e por uma necessidade representativa.

Pelo conhecimento que temos das outras sedes dos sindicatos nacionais, a nossa era a que maior pobreza de instalações apresentava, o que se não caudunava com a nossa dignidade.

Porque a situação económica no-lo permitia realisámos esses melhoramentos, que importam em cerca de 1.000\$00 mas muitas das aquisições feitas podem ser colocadas noutra sede, caso nos mudemos. As passadeiras, reposteiros, tapetes, etc. são objectos que se não perdem. Só o forramento das casas se terá de deixar, quando nos mudarmos.

Quanto ao aluguel da nova sede, continua de pé esta aspiração, e se não se realisou já foi porque não encontramos ainda a casa que nos convenha, quer pelo preço quer pelo local.

Pessoal

O nosso pessoal cumpriu sempre satisfatoriamente com as suas obrigações, excedendo-as por vezes, demonstrando um zelo profundo pelos interesses da

classe e do Sindicato e uma competência que satisfiz. Por isso vos propomos o voto que consta do final d'êste relatório.

Bibliotêca

Cada vez mais enriquecida se mostra a nossa bibliotêca.

De duas formas se tem manifestado êste enriquecimento: por aquisições, e por oferta.

Os nossos associados continuaram ofertando muitos dos volumes, alguns de belo valor literário. Por sua vez esta direcção fez aquisições de livros novos

na Feira do Livro, ocasião em que se compra em melhores condições.

Podemo-nos orgulhar de contar hoje cêrca de 500 volumes na nossa bibliotêca, que o mesmo é dizer que ela se pode considerar uma das mais bem aparelhadas dos sindicatos nacionais.

O movimento de entrada e saída de volumes aumentou consideravelmente, bom sintoma de aperfeiçoamento cultural.

Oxalá que êste movimento aumente ainda mais.

As verbas que constam no mapa de despesas atribuídas à bibliotêca referem-se às aquisições e a despezas de encadernação.

2.ª PARTE

Parte Financeira

Passamos agora à segunda parte do nosso Relatório, a que se refere o artigo 149.º do nosso Regulamento Interno.

Esta parte do relatório pode talvez despertar nos nossos dignos associados menos interesse do que a anterior, mas ela é, em nossa opinião tão importante como aquela, porque refere o movimento financeiro da colectividade, assunto que a todos interessa onde fica historiada a aplicação do dinheiro do Sindicato, quer, receitas quer despesas.

Esta direcção veria com imenso prazer que acerca desta parte do Relatório se estabelecesse larga discussão, pois teria assim oportunidade de prestar esclarecimentos e desvanecer qualquer possível dúvida, que no espírito de qualquer associado possa haver.

A discussão das contas de gerência é da máxima importância para uma direcção. Por ela nós podemos verificar o interesse que os associados votam à colectividade, e através dela podemos também, e êste é o nosso maior desejo, demonstrar como administramos os dinheiros do Sindicato.

Quere esta direcção deixar aqui bem vincada a afirmação de que usou na administração dos dinheiros do Sindicato a mais rigorosa economia, pois nunca perdemos de vista as responsabilidades que, neste campo, nos traz o nosso cargo.

Gastámos o indispensável e o necessário.

Nas despesas de maior monta ouvimos sempre o nosso Conselho Fiscal, e para algumas até, ouvimos a opinião da Reunião dos Corpos Gerentes.

Se algumas das despesas que fizemos merecer observações dos associados, aqui estamos prontos a dar-lhes tôdas as explicações. Com todo o prazer o faremos, pois aqui é que nos é agradável responder a qualquer associado sobre esta matéria.

Todo o nosso serviço de escrita se encontra regular e legalmente montado.

Como de ha muito, mensalmente expomos o balancete de Caixa, e êste ano, pudemos dar às contas maior publicidade, porque publicámos regularmente os balancetes no nosso órgão officioso.

Vamos agora entrar mais directamente na apreciação dos números e no comentário dos mapas que fazem parte d'êste Relatório.

Pelo mapa de «Receitas e Despesas» se vê que as despesas foram de Esc. 22.925\$00. Há, porém, que considerar que nesta rubrica estão Esc. 4.000\$00 que depositamos na Caixa Geral de Depósitos, Esc. 900\$00, que gastamos em mobiliário pela compra de um cofre forte, e Esc. 2.767\$00 de Utensilios, pela compra de um guichet e respectivas pinturas, em Maio, que importou em Esc. 360\$00, pela compra de uma maquina de escrever nova por Esc. 950\$00, em Julho, pela compra de passadeiras, tapetes e tapecarias em Novembro e Dezembro, por Esc. 600\$00, etc. etc., como se encontra rigorosamente discriminado no respectivo livro de «Caixa». Estas três verbas, cujo total é de Esc. 7.667\$00, são de compras que ficam a valorisaa o Activo do Sindicato, e não podem ser consideradas como despesas que se não recuperam.

Abatendo estes 7.667\$00 às despesas, ou sejam aos Esc. 22.925\$56, temos que as despesas não recuperaveis, foram de 15. 258\$55. Mas nestas despesas ainda tivemos compensações, como por exemplo em rendas e em Despesas Gerais, telefone etc., pelo que a despesa real, rigorosamente real, foi de cêrca de Esc. 10.500\$00 durante todo o ano, isto é a média de Esc. 875\$00 de despezá liquida mensal!

No exercicio de 1935, a média da despesa foi de Esc. 992\$25. Houve, portanto, uma economia apreciável.

Comparemos agora as despesas d'êste ano, com as do ano anterior:

Titulos	1935	1936	Para mais	Para menos
Depositado	1.632\$40	4.000\$00	2.367\$60	—
Utensilios	485\$70	2.767\$00	2.281\$30	—
Mobiliário	1.600\$00	900\$00	—	700\$00
Despesas Gerais	3.222\$50	3.937\$40	714\$90	—
Rendas	5.050\$00	5.593\$00	543\$00	—
Expediente	1.055\$35	825\$85	—	229\$50
Empregados	3.250\$00	3.480\$00	230\$00	—
Bibliotêca	433\$00	622\$30	189\$30	—
Telefone	1.278\$50	800\$00	—	478\$50

Aumentaram as importâncias nas rubricas Depósitos à ordem, Utensilios, Rendas, Despesas Gerais, Empregados e Bibliotêca.

O aumento da primeira é um bom sintoma. Em utensilios já explicámos atrás como é útil êsse aumento de despesa. Em despesas gerais o aumento é devido ao incremento que têm tomado os serviços do Sindicato, e provem em grande parte de transportes de directores, em serviço da colectividade. O aumento de rendas provém do acréscimo do imposto que incidiu sobre as rendas.

As deminuições de despesa só os Esc. 478\$50 do telefone é de apreciar, mas esta deminuição também se explica. Esc. 800\$00 é a tarifa anual, e se em 1935 tínhamos gasto Esc. 1.278\$00, estes 478\$00 eram do custo da instalação.

Está, pois, resumidamente explicado o aumento das despesas.

Na assembleia, porém, com os livros e documentos poderemos prestar a todos os associados maiores informes.

Apreciem as receitas.

Foi maior a receita d'êste ano, comparada com a de 1935. Este aumento de receita é um sintoma eloquente da melhoria económica da classe, visto que conseguimos mais cotização e a cotização representa sempre o número de viagens que todos nós fazemos, em globo.

Em 1935 as receitas foram de Esc. 19.643\$95 e êste ano foram de Esc. 22.282\$05. Quer dizer que houve um aumento de Esc. 3.638\$10, verba que a conta cotas absorveu quasi por completo, pois verificou-se entre a cotização de 1935 e a d'êste, um aumento de 2.628\$00.

Cobramos-se 131 cotas mais do que em 1935, que o mesmo é dizer que se fizeram mais 131 viagens.

Em «Rendas» também se nota um aumento de 1.150\$00, devido a termos quasi sempre alugadas parte das nossas dependências, o que não aconteceu em 1935.

Numa análise mais rigorosa podemos vêr que a diferença verificada nesta gerência de Esc. 3.638\$10, de acréscimo de receitas é ainda maior, pois comparámos o ano de 1935 com o 1936 e naquele temos como receita Esc. 2.800 levantados da Caixa Geral dos Depósitos e neste temos apenas o levantamento de Esc. 1.000\$00.

Em resumo, êste desafogo económico em que esta direcção se achou permitiu-nos fazer melhorias na séde, quer em compras de utensilios quer em pinturas e forramento de casas, assunto que já explicámos atrás, e ainda reconstituir o nosso fundo de reserva, aumentando o depósito na Caixa Geral, cujo saldo é actualmente de Esc. 6.062\$17, como vereis pelos mapas.

Passamos a comentar o Balanço Geral do Sindicato.

O Balanço Geral, encerrou-se com Esc. 16.029\$17. O de 1935 fechou com Esc. 10.119\$37.

O Balanço Geral, como não podia deixar de ser acusou o aumento das receitas e a deminuição das despesas.

Tudo o que possuímos em valores realisáveis de momento, isto é o Activo do Sindicato, constituído por dinheiro em caixa e depositado, móveis, utensilios, bibliotêca, estatutos e renda adeantada ascende, em 31 de Dezembro, a 16.029\$17.

E' interessante ver a marcha progressiva do Balanço Geral, nos quatro anos de existência do Sindicato:

Em 1933	Esc. 4.034\$64
Em 1934	Esc. 7.155\$77
Em 1935	Esc. 10.119\$37
Em 1936	Esc. 16.029\$17

E com esta eloquente demonstração da vitalidade e progresso do nosso Sindicato Nacional, fechamos as nossas considerações sobre o capitulo contas.

* * *

Presados camaradas:

É tempo de encerrarmos as nossas exposições sobre os problemas que interessam à classe dos Empregados da Assistencia aos Emigrantes, sintelisados no seu Sindicato Nacional.

Os nossos actos e a nossa orientação ficam devidamente explicados, e oxalá que todos os julguem com elevação e lealdade. Consideramos a nossa gerência feliz sobre o capítulo financeiro e muito razoável sobre o ponto de vista social. Se esta for a opinião dos nossos associados, damos por bem empregado o trabalho extenuante que tivemos na direcção dos destinos desta colectividade, que tão mal confiados foram em nossas mãos.

Aos camaradas que nos substituírem desejamos melhor exito nos seus trabalhos, porque nós se o não conseguimos não foi porque nos faltasse a vontade. Uma vez a nossa incompetência e outras à falta de apoio moral da classe nos impediu de tentar mais altos e brilhantes triunfos.

No entanto, sempre nos esforçámos por cumprir o nosso dever o melhor que soubémos e pudémos.

Terminando, propomos que aproveis:

— O parecer do Conselho Fiscal e os votos nêle expressos, com excepção daquele que se refere a esta direcção;

— Um voto de saudação e agradecimento ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Rebelo de Andrade, pelo interesse manifestado pelas nossas reivindicações em especial, e pelo seu esforçado trabalho no levantamento moral e material dos trabalhadores portugueses;

— Um voto de saudação e agradecimento ao Ex.^{mo} Sr. Dr. António Amaral Pirrayt, pelo carinho que deu provas nos assuntos que nos dizem respeito.

— Um voto de louvor e agradecimento aos Ex.^{mos} Srs. Tenente Castro e Silva, Sr. João Raio de Carvalho e Dr. Afonso Malheiro, dirigentes dos serviços de emigração, pela consideração dispensada á direcção e na resolução de alguns problemas da classe;

— Um voto de louvor o agradecimento ás firmas E. Pinto Bastos & C.^a, Lane & C.^a. e Marcus & Harting, pelas atenções recebidas;

— Um voto de louvor á imprensa, especializando os jornais Diário da Manhã e Seculo, pelas referências feitas a este Sindicato e pela orientação nacionalista que brilhantemente exibem;

— Um voto de louvor ao nosso Conselho Fiscal, pela sua preciosa colaboração,

— Um voto de louvor ao pessoal, pelo zelo e aptidão demonstrados.

Lisboa, 31 de Dezembro de 1936

A Direcção

Caixa de Auxílio

A esta direcção incumbem também a administração da nossa Caixa de Auxílio, pelo que igualmente nos vamos referir á nossa actuação durante o ano de 1936.

A nossa Caixa de Auxílio, apesar dos seus dois anos de existência criou raízes e apresenta uma situação de tal modo próspera que criou um problema que mais tarde ou mais cedo deve ser encarado: o da sua transformação.

Sobre este assunto se não agimos já, foi porque circunstâncias especiais no-lo têm impedido, e entre essas circunstâncias a de não sabermos como ficará a classe na reforma que se projecta, nos tem feito ficar parados.

O saldo que apresenta a Caixa em 31 de Dezembro é de Esc. 21.244\$50, dos quais 20.500\$00 estão depositados na Caixa e Esc. 744\$50, em mão do tesoureiro.

Além disto temos ainda o valor do mobiliário e utensílios.

Este capital permite já encarmos uma transformação da Caixa de forma que a sua acção benemerente se exerça mais fortemente em auxílio aos associados, ou permite ainda podermos fixar modalidade de previdência de maior alcance.

Porém, como segundo consta a esta direcção, um dos pontos da reforma que está em estudo incide precisamente sobre o pro-

blema da previdência e reforma do pessoal, que deverá entrar a adquirir direitos nestas modalidades semelhantes ou eguaes aos dos funcionários públicos, a direcção entendeu não tocar no assunto enquanto tal reforma não visse a luz do dia.

Eis a razão porque embora reconhecendo que os actuais subsídios são insignificantes, em relação á cota e ao capital realiado, nada fez para transformar este estado de cousas.

Distribuição de subsídios

Por doença — Os subsídios por doença distribuídos somaram Esc. 1.741\$00, abrangendo 16 associados. Pequena importância e pequeno o número de associados, apesar de não termos usado de excesso de rigor na concessão dos subsídios, o que não quer dizer que tivéssemos desprezado os preceitos legais indispensáveis.

Subsídio de funeral — Três foram os subsídios de funeral distribuídos este ano, infelizmente, correspondentes aos legados dos nossos associados Gracinda Fernandes, Elvira C. Dias Baptista e António Andrade, na importância de Esc. 900\$00.

Clínico privativo — Continuou prestando excelentes serviços á

Caixa o nosso clínico privativo, Ex.^{mo} Sr. Dr. M. Pereira da Silva. Com a deliberação tomada em assembleia geral anterior temos pago as consultas aos associados, despeza que somou escudos 80\$00. Não temos razões para modificar as instruções dadas ao nosso Ex.^{mo} Clínico sobre as características e espécie de doença que têm direito ao subsídio.

Parte administrativa — Vê-se pelos mapas adiante publicados que as receitas somaram escudos 16.302\$75, constituída por escudos 16.193\$75 de quotas e escudos 109\$00 de juros de depósito. Os juros do nosso depósito referente a 1936 só poderão entrar no exercício de 1937, por a Caixa Geral só depois de 31 de Dezembro proceder á sua contagem. A média da receita mensal foi de escudos 1.358\$56, o que é muito apreciável. Comparada com a média da receita mensal do ano anterior, verifica-se um aumento.

As despezas foram de escudos 5.088\$50, mas nesta vezba estão escudos 2.641\$00 pelo que as despezas efectivas são de escudos 2.477\$50, divididas por Renda de casa, escudos 1.800\$00; Despezas Gerais (clínico) escudos 98\$50; Expediente, por impressos diversos 49\$00 e empregado, escudos 500\$00, dez meses a escudos 50\$00 mensais.

Os subsídios distribuídos representam 16,14% do capital arrecadado, e as despezas efectivas representam 15,01% desse mesmo capital.

Os tratadistas atribuem quasi sempre ás associações de socorros mútuos e colectividades de previdências, a percentagem de 20% para despezas de instalação, expediente, pessoal etc. Isto quer dizer que ficámos muito aquém da despeza normalmente atribuída e feita por estas colectividades, pois não passámos de 15,01%.

Escusado será afirmar-vos de que usámos sempre da mais rigorosa economia na administração dos fundos da Caixa, não incluindo á sua conta pequenas despezas de selos e transportes, que levámos á conta do Sindicato.

Eis as considerações que se nos oferece dizer-vos sobre a nossa actuação como directores da Caixa de Auxílio dos Empregados da Assistência aos Emigrantes.

Lisboa, 31 de Dezembro de 1936

A Direcção

O Assistente ao Emigrante

Dez meses decorridos da indicação do meu nome para dirigir o nosso órgão oficioso, cumpre-me hoje dar-vos conta da forma como me desempenhei do difícil cargo para que me elegestes.

A fundação do órgão de im-

prensa, foi a minha grande aspiração, e tive o prazer de a ver realizada.

O *Assistente ao Emigrante*, como se esperava, cumpriu inteiramente a sua missão, direi mesmo que cumpriu brilhantemente a sua missão.

Eu personalidade á classe, impôs-nos a consideração e admiração de todos, e impôs-se êle próprio, como elemento indispensável á colectividade e ao associado.

Logo após os primeiros números o nosso jornal se cotou, como um órgão de imprensa sindical, equilibrado justo e ponderado.

Por intermédio dêlo a direcção pôde abordar com largueza e independência os vários problemas que interessam á classe desenvolvendo-os com a amplitude e o á vontade que não era possível em officios e em conferências.

Folhear a colecção do nosso jornal é auscultar a vida do Sindicato e o trabalho da direcção porque êle é o reflector fiel da orientação directiva.

Nêle se têm publicado todos os trabalhos mais importantes da direcção, que assim teve um elemento para levar ao conhecimento de todos os sócios, a sua acção em prol da defeza da classe.

Mas não foi só como elemento informador que o nosso órgão se tornou valioso.

Nas suas colunas se debateram os mais complexos problemas que interessam á classe, e nesses estudos, feitos com critério elevação e conhecimentos, se marcou sempre uma posição de relêvo.

Posso garantir aos associados que o jornal é lido pelos nossos chefes com atenção e curiosidade, e que atravez dêle se tem resolvido muito e muito problema, afóra os elementos de estudo que êle constantemente fornece para a futura reforma.

Em conferências e até por escrito, as entidades superiores nos têm afirmado a sua agradável impressão sobre o *Assistente ao Emigrante*, louvando a sua linha de orientação, o seu civismo, a elevação com que foca os assuntos e até mesmo o seu cuidado especto gráfico.

São estas homenagens que tão grato é ouvir, e ainda a consciência de termos cumprido o nosso dever, não atraçoando os interesses gerais da classe e elevando a colectividade, a única compensação para os desgostos e dissabores que temos recebido, como seu director.

É que muitos dos nossos associados não sabem, nem avaliam sequer, a responsabilidade dêste cargo. Cada um tem uma ideia, um programa vasto, e como o jornal não publica aquilo que cada um tem no pensamento, quasi sempre porque não é bom e não é justo, vá de desancar sobre o director e sobre o redactor as piores cousas.

Que tudo seja levado à conta dos nossos pecados, mas nada nos fará desviar deste caminho, que bem simples e claro é, podendo girar-se em duas linhas: — o jornal exprime em primeiro lugar a linha orientadora da direcção do Sindicato. Quer dizer, que o jornal abordará e estudará os assuntos quando e como esse estudo convenha à direcção, isto porque só ela é responsável, perante a classe, perante os chefes, e perante o Estado, pelo bom e pelo mau que possa vir a atingir a classe e o Sindicato.

Afora isto o jornal pode e deve dar guarida a toda e qualquer colaboração útil, venha de onde vier, desde que não colida com o que acima fica dito e seja de interesse para a classe.

Como nem toda a colaboração que recebemos obedece a estes princípios, recusamo-nos à sua publicação.

Salvamos o bom nome do Sindicato e servimos a classe, mas cremos inimigos, do género daqueles que não perdoam ainda que decorram os anos.

Quando se resolveu a fundação do órgão de imprensa, ficou assento pela assembleia geral que o redactor ficava com a faculdade de recusar toda ou qualquer colaboração que em seu critério não conviesse publicar.

Identificado como está com os problemas do Sindicato, e pelas provas de lealdade e competência já prestadas, usou ele algumas vezes da prerrogativa que a Assembleia lhe deu, e como dela se utilizou na minha ausência, cumpre-me aqui prestar a justiça de confirmar e concordar em absoluto com essa acção, que verifiquei ser sempre ditada pelos superiores interesses do Sindicato.

Os poderes que o redactor dispõe hoje para, na ausência do director, ser o único juiz da publicação do original no nosso órgão, deve manter-se e possivelmente fortalecer-se com um voto de confiança da assembleia, confirmando a deliberação anterior.

Quero ainda falar neste relatório da colaboração que recebemos de alguns presados associados e de entidades estranhas. Essa colaboração foi quasi sempre preciosa e os assuntos focados do maior interesse. A todos os meus agradecimentos.

Pena é que só dois ou três associados nos queiram honrar com a sua colaboração.

Pelo mapa que a seguir se publica, vereis que as receitas

cobriram as despesas, havendo ainda um saldo de Esc. 289\$30, para 1937.

A cotização ascendeu a Esc. 3.580\$00, verba que tinha sido prevista, e as despesas não foram superiores às que estavam orçamentadas no relatório que se apresentou à assembleia geral que fundou o Assistente ao Emigrante.

Devereis ter notado que no mês de Dezembro as despesas em todos os títulos duplicaram e sabeis porquê.

Publicámos dois números, nesse mês, um dos quais especial para o dia do aniversário do Sindicato, que tão ruidoso exito obteve.

Cabe ainda aqui verificar a prontidão e a boa vontade que os associados mostraram no pagamento da cota para o jornal, cuja cobrança se fez sem quaisquer inconvenientes.

Eis a traços largos o que foi a actuação do órgão officioso da classe, iniciativa das mais úteis e brilhantes que a classe tomou numa hora de feliz inspiração.

Se foi errada a nossa orientação, aqui estamos para prestarmos as nossas contas.

O Director

Mapa Geral da Receita e Despeza do ano de 1936

MESES	RECEITAS		DESPEZAS		
	Despezas Gerais	Cótas	Tipografia	Despezas Gerais	Redacção
Março	—	370\$00	218\$00	35\$00	75\$00
Abril	—	480\$00	180\$00	10\$00	75\$00
Maio	2\$00	690\$00	180\$00	10\$00	75\$00
Junho	—	310\$00	180\$00	10\$00	75\$00
Julho	—	140\$00	180\$00	36\$00	75\$00
Agosto	—	400\$00	180\$00	12\$00	75\$00
Setembro	—	80\$00	200\$00	12\$00	75\$00
Outubro	—	220\$00	180\$00	8\$00	75\$00
Novembro	—	340\$00	180\$00	12\$00	75\$00
Dezembro	—	550\$00	580\$00	64\$70	150\$00
	2\$00	3.580\$00	2.258\$00	209\$70	825\$00

RESUMO

Cótas	3.580\$00	—
Despezas Gerais	2500	209\$70
Tipografia	—	2.258\$00
Redacção	—	825\$00
	3.582\$00	3.292\$70
Saldo para 1937	—	289\$30
	3.582\$00	3.582\$00

Bilhete Postal

Presado colega:

Atendendo à nossa velha amizade e à sua amável carta, vou, neste cantinho do nosso «Assistente» para lhe ser agradável, dar resposta à sua primeira pergunta, obrigando-me a responder às outras em sucessivos «Bilhetes postais» pois que, num bilhete postal, pouco se pode dizer. Pergunta o meu bom amigo e colega qual a razão porque até hoje os enfermeiros da Assistência não formaram um núcleo. Sou a dizer-lhe que a culpa é sua, é minha, é de todos os enfermeiros, pois que a sua criação é facultada pelos Capítulos VII do nosso Regulamento Interno e Estatutos. Antes de receber aquela sua carta já tinha redigido uma proposta para formação do Núcleo que submeterei

à aprovação da próxima Assembleia Geral. O caro colega sabe que são os nossos colegas aqueles que faltam às Assembleias Gerais, saívo um outro.

Aqui está a «vol de viseau» o que apurei. Porém fico esperançado, mesmo convencido de que esta má vontade de uns, pessimismo e comodismos de outros, vai desaparecer desde que se crie o Núcleo para o que é indispensável a comparência de todos os nossos colegas que em terra se encontram à Assembleia Geral que se realizará nos últimos dias do corrente mês porque aí se vão discutir assuntos de capital importância, e, como já disse ao caro colega, apresentarei a proposta para a criação do Núcleo dos Enfermeiros, ficando assim satisfeito o seu desejo, que é o desejo de todos nós.

Vosso, muito grato
Osram

Serviços de enfermagem

Há médicos da assistência que são de opinião que as esposas e filhos de portugueses, sendo de outra nacionalidade, têm direito aos seus serviços e ao do pessoal de enfermagem como se de emigrantes portugueses se tratasse; porém, há outros médicos de opinião oposta, isto é, que só têm direito aos seus serviços e ao do pessoal de enfermagem aqueles que são, de facto, portugueses.

A nós parece-nos que não forma sentido que adoecendo a mulher do filho de emigrante português, embora sejam para nós estrangeiros, tenham que ser tratados pelo médico do navio e respectivo pessoal de enfermagem, principalmente, nos casos em que o marido ou pai pede os serviços do pessoal de assistência aos Emigrantes; mas, também não discordamos da opinião oposta, pois que o emigrante português para sair de Portugal, submete-se a inumeras formalidades e exigências das Leis que regulam a emigração e pagam 20\$00 para o «Fundo de Reparação» ao passo que suas mulheres ou filhos, estrangeiros, aguardam, tranquilos, que os seus maridos ou pais percorram a sua «via-crucis». Sabemos todos que tanto os médicos como os enfermeiros (profissionalmente falando) embarcam, como se depreende das Leis próprias, na eventualidade de serem precisos os seus serviços, e, sabemos também, que, aos enfermeiros, nada lhes custaria prestar os seus serviços as pessoas de família dos emigrantes portugueses naquelas condições.

Finalmente, resta-nos pedir a S. Ex.^a o Sr. Dr. A. Malheiro para se digdar estabelecer o critério a adoptar, e que, se de futuro fórmos obrigados a tratar também os estrangeiros em referência, pedimos-lhe que estes sejam contados para efeito do nosso embarque.

Alexandre Martins Ramos

Nota da redacção — Achamos justa a petição deste nosso colega, mas desejamos vincar que o principio que ele reclama, no final, a ser atendido deve ser também extensivo aos colegas criados.

Uma oferta

O nosso querido colega e amigo Manuel da Conceição Pinheiro, teve a gentileza de oferecer ao Sindicato em primoroso trabalho da sua autoria.

Trata-se de uma Cruz de Cristo de apreciáveis dimensões, feita em estanho de cor vermelha branco e preto, devidamente emoldurada, merecedora de admiração, pois revela uma habilidade e gosto artístico digno de nota.

Os nossos públicos agradecimentos.

SINDICATO

M A P A S

Caixa de Auxilio

Balço geral em 31 de Dezembro
de 1936

SINDICATO

Balancete do "Razão" em 31 de Dezembro de 1936
ANTES DO FECHO DA ESCRITARelação dos sócios que receberam
subsídios

SUBSÍDIO POR DOENÇA

ACTIVO	
CAIXA	
Dinheiro em cofre . . . Esc.	406\$35
UTENSÍLIOS	
Valor dos existentes . . . Esc.	3.720\$35
DEPÓSITOS A ORDEM	
Depositadna C. G. D. . . Esc.	6.062\$37
BIBLIOTECA	
Valores existentes . . . Esc.	1.155\$30
MOBILIÁRIO	
Valor do existente . . . Esc.	3.810\$80
ESTATUTOS	
Saldo desta conta . . . Esc.	374\$00
Rendas adiantaas . . . "	500\$00
	16.029\$17

TITULOS	DÉBITO	CRÉDITO	SALDOS	
			Devedor	Credor
Fundo Social	—	10.119\$37	—	10.119\$37
Caixa	23.331\$90	22.925\$55	406\$35	—
Cotas	—	16.696\$00	—	16.696\$00
Rendas	5.593\$00	3.450\$00	2.143\$00	—
Telefone	800\$00	43\$40	756\$60	—
Despezas Gerais	3.937\$40	296\$65	3.640\$75	—
Expediente	825\$85	—	825\$85	—
Utensílios	4.452\$35	732\$00	3.720\$35	—
Empregados	3.480\$00	—	3.480\$00	—
Depósitos à Ordem	7.062\$37	1.000\$00	6.062\$37	—
Biblioteca	1.155\$30	—	1.155\$30	—
Mobiliário	3.810\$80	—	3.810\$80	—
Cadernetas Sindicais	—	10\$00	—	10\$00
Estatutos	378\$00	4\$00	374\$00	—
Jóias	—	50\$00	—	50\$00
Rendas adiantadas	500\$00	—	500\$00	—
	55.326\$97	55.326\$97	26.875\$37	26.875\$37

Sócio n.º	Esc.
125 — Júlia A. Gonçalves . . .	60\$00
23 — Domingos da Silva . . .	124\$00
107 — Leopoldina Teixeira . .	126\$00
102 — Amanda R. Lisarda . . .	87\$00
138 — Maria das Dores	106\$00
82 — Estevam L. Almeida . . .	122\$00
46 — José Francisco	108\$00
121 — Alberto F. Pinto	211\$50
217 — Arnaldo P. Aguiar . . .	240\$00
214 — Arminda Fernandes . . .	120\$00
21 — Albertino Machado	229\$50
216 — Alexandre M. Ramos . . .	33\$00
103 — Arminda de Oliveira . . .	24\$00
177 — Leopoldina S. Reis . . .	45\$00
206 — José Carlos Duarte . . .	24\$00
215 — Aida de Sousa	81\$00
	1.741\$00

SUBSÍDIO DE FUNERAL

Legado deixado por :

Sócio n.º	Esc.
171 — Gracinda Fernandes . . .	300\$00
85 — Elvira C. Batista	300\$00
17 — António Andrade	300\$00
	900\$00

Lisboa, 31 de Dezembro de 1936.

PASSIVO

FUNDO SOCIAL	
Saldo desta conta . . . Esc.	16.029\$17
Lisboa, 31 de Dezembro de 1937.	

CAIXA DE AUXILIO

Resumo do movimento anual de "Caixa" em 1936

Receitas :		
Cotas		16.193\$75
Rendimento de fundos		109\$00
Soma		16.302\$75
Despezas :		
Rendas	1.800\$00	
Fundo de doença	1.741\$00	
Fundo de funeral	900\$00	
Despezas Gerais	98\$50	
Expediente	49\$00	
Empregados	500\$00	
		5.088\$50
Saldo de 1936		11.214\$25
Saldo de 1935		10.030\$25
SALDO TOTAL PARA 1937		Esc. 21.244\$50
Depositado na C. G. D.	Esc. 20.500\$00	
Em Caixa	Esc. 744\$50	
		21.244\$50

Lisboa, 31 de Dezembro de 1936.

CAIXA DE AUXILIO

Mapa geral de Receitas e Despezas, descriminadas por meses e separadas por títulos

Mapa de "Receitas" e "Despezas"
do ano de 1936

RECEITAS	
Cotas Esc.	16.696\$00
Rendas "	3.450\$00
Telefone "	43\$40
Despezas Gerais "	296\$65
Utensílios "	732\$00
Dinheiro levantado "	1.000\$00
Cadernetas sindicais "	10\$00
Estatutos "	4\$00
Jóias "	50\$00
	22.282\$05
Saldo ano anterior Esc.	1.049\$85
	23.331\$90

DESPEZAS

Rendas Esc.	5.593\$00
Telefone "	800\$00
Despezas Gerais "	3.937\$40
Expediente "	825\$85
Utensílios "	2.767\$00
Empregados "	3.480\$00
Dinheiro depositado "	4.000\$00
Biblioteca "	622\$30
Mobiliário "	900\$00
	22.925\$55
Saldo para o ano de 1937 Esc.	406\$35
	23.331\$90

Lisboa, 31 de Dezembro de 1936.

Assembleia Geral
CONVOCAÇÃO

Para efeitos do cumprimento do Art.º 40.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral ordinária, para o dia 8 de Março corrente, pelas 15 horas, para funcionar com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1.º — Discussão e aprovação do Relatório da Direcção;
2.º — Eleição dos Corpos Gerentes.

Lisboa, 10 de Fevereiro de 1937

O Presidente da Mesa da
Assembleia Geral

Aljiza Dias dos Santos

RECEITAS			DESPEZAS					
MEZES	Rendimento de fundos	Cotas	Rendas	Fundo de Doença	Fundo de Funeral	Despezas Gerais	Expediente	Empregados
Janeiro		1.212\$60	150\$00	—	—	—	—	—
Fevereiro		1.187\$65	150\$00	60\$00	—	—	8\$80	—
Março		1.046\$50	150\$00	—	—	16\$00	—	50\$00
Abril		1.387\$80	150\$00	276\$00	300\$00	—	5\$20	50\$00
Maió		1.505\$40	150\$00	430\$00	—	2\$50	—	50\$00
Junho		1.444\$40	150\$00	—	—	—	35\$00	50\$00
Julho	109\$00	853\$55	150\$00	421\$00	—	5\$00	—	50\$00
Agosto		1.435\$05	150\$00	30\$00	300\$00	—	—	50\$00
Setembro		1.095\$20	150\$00	135\$00	—	15\$00	—	50\$00
Outubro		1.318\$85	150\$00	150\$00	—	40\$00	—	50\$00
Novembro		1.840\$50	150\$00	46\$00	—	—	—	50\$00
Dezembro		1.866\$25	150\$00	192\$50	300\$00	20\$00	—	50\$00
		16.193\$75	1.800\$00	1.741\$00	900\$00	98\$50	49\$00	500\$00

Lisboa, 31 de Dezembro de 1936